

A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DA SERRA DAS CARRANCAS (MINAS GERAIS)

Maria da Graça Menezes Mourão

Historiadora, autora de “Carrancas, uma capela no Caminho Real”

Resumo: *O artigo trata do contexto da época, no qual se usou etimologicamente o termo para denominar a Serra das Carrancas, retratada de forma antropomórfica na cartografia de Francisco Sales, Mapa de toda a extensão da Campanha da Princesa fechada pelo Rio Grande e pelos registros que limitam a capitania de Minas, (1799-1800). A partir de 1716, seguir para as “minas gerais”, através da transposição da Serra das Carrancas, tornou-se um atalho clandestino do Caminho Velho criado pelos Bueno da Fonseca, encurtando em 14 léguas a distância que se percorria do Rio de Janeiro, São Paulo às Minas. Em novembro de 1717, o Conde de Assumar, vindo para governar a Capitania de São Paulo e das Minas do Ouro, optou por este atalho.*

Abstract: *The article deals with the context of the time, which used etymologically the term to denote the Serra das Carrancas, depicted anthropomorphic form in the cartography of Francisco Sales, “Mapa de toda a extensão da Campanha da Princesa fechada pelo Rio Grande e pelos registros que limitam a capitania de Minas” (1799-1800). From 1716, proceed to the “minas gerais”, through the transposition of the Serra das Carrancas, became a clandestine Old path shortcut created by Bueno da Fonseca, shortening in 14 leagues distance which ran in Rio de Janeiro, São Paulo to the Mines. In November 1717, the count of Assumar coming to govern the captancy of São Paulo and mines of gold, opted for this shortcut.*

O “Vocabulário Português e Latino”, obra do jesuíta francês Rafael Bluteau, “estrangeirado” em Portugal, mas com fluência da língua dos lusos, foi publicado entre 1712 a 1728, contendo os vocábulos da linguagem comumente usada no Reino e na América Portuguesa. Nele consta que carranca, significava no século XVIII, *coisa deforme, de semblante triste e carregado*. Fazer carranca era o mesmo que *mostrar na cara o enfado ou o mau humor; podendo significar também ameaça de mau tempo no céu ou no mar; se dizia de perigos e outras coisas que atemorizam e causam horror*. Escrevendo sobre as carrancas de tanque, referindo-se aos chafarizes aonde os escravos buscavam água para os seus

proprietários, o jesuíta as definiu *como uma cara ridícula e deforme que se põem nos tanques e que bota água pela boca* (p. 107, coluna 3).

Portanto, nas Minas Gerais setecentistas, o vocábulo carranca era usado com a intenção de causar medo ou mostrar a iminência de uma tormenta diante de nuvens plúmbeas carregadas para desabar em aguaceiro, não só na Comarca do Rio das Mortes, mas, também na do Rio das Velhas, conforme se interpreta a narrativa de J.A.S. (1897):

Aos que vem de Santa Anna (hoje Itaúna) para Henrique Galvão (hoje Divinópolis), a natureza não faz festas. A paisagem é feia e sente-se o mau humor da terra em múltiplos esboroamentos, lutulentas carrancas que infundem medo á gente e ás montarias (J.A.S. in Impressões de Viagem-Jornal Ástrea, N.º 62 - Anos II, 28.03.1897).

Desconhece-se a etimologia do vocábulo carranca. Existe a suposição de que tenha origem na Índia. Não diretamente do sânscrito, mas de alguma das suas línguas vernáculas. São estas conclusões de Sá Miranda (1937, p.122). Para ele, a palavra não existe em outro dos vários idiomas da Península Hispânica com este significado e, as línguas modernas da Índia não o conhecem e, portanto, não o podiam transmitir ao português. Talvez se possa reconhecer nesta palavra o sufixo depreciativo **anco**, ligado a **carr** que por sua vez representaria **cara**; conta também por outro sufixo às vezes depreciativo **arr** do Século XVI: *Já sois no cabo e dizeis ora: Não mais, isto é, outra; E desfazeis as carrancas.*

De acordo com as pesquisas sobre o assunto, certamente, foi dentro do contexto descrito, que se utilizou o vocábulo para nomeação da Serra das Carrancas. Tal certeza se encontra em uma cartografia de Francisco Sales, ***Mapa de toda a extensão da Campanha da Princesa fechada pelo Rio Grande e pelos registros que limitam a capitania de Minas***, elaborada por volta de 1799 e publicada em 1800. No período colonial, os mapas foram estratégias dos governantes e dos militares para controle do território. O cartógrafo destaca o Rio Grande e seus afluentes; as distâncias das povoações entre si; a localização dos portos, por onde se pagam os direitos, e os registros. Artisticamente, no entanto, o autor destaca a Serra das Carrancas, de forma proposital ou não e, isto exige outra pesquisa, em se tratando do difícil acesso das companhias pedestres ou dos dragões com seus cavalos, utilizadas no controle do contrabando, na saída de ouro e tabaco sem a cobrança de impostos, ou até mesmo *perigos e outras coisas que atemorizam* como a presença de assaltantes.

Francisco Sales, dentre os vinte povoados que marca, não assinala o arraial de Carrancas, mas chama a atenção para a Serra das Carrancas através do desenho que representa metade homem, metade peixe alado, cuja figura ele a alonga para dar impressão de ser empurrada pelo vento. Além de destacar a serra

dentro do contexto para o qual a carta foi solicitada, ele transmite a preocupação com o local registrando de forma antropomórfica o perigo que poderia enfrentar um viandante, caso se encontrasse ali, no meio de uma tormenta. Essa representação nos remete à citação de Bluteau: *às vezes carranca se toma por ameaço de mau tempo, de perigos e outras coisas que atemorizam e causam horror.*

A Serra das Carrancas, a mais próxima da cidade de Carrancas, dentre outras nessa região serrana, tem 25 km de extensão, sendo sua altitude máxima de 1378 m, altura que lhe conferiu tornar-se marco da direção do caminho para as bandeiras e viandantes de São Paulo às Minas. Nela nasce o Rio Capivari, cujo complexo ecológico, o da Zilda, se constitui de cachoeira, gruta e tobogã natural. A área é de preservação da Mata Atlântica e serrado, administrada pela Fundação Biodiversitas. O seu início se dá na barra do Rio Capivari com o Rio Grande onde surgem as serras do Campestre, da Bocaina e da Estância, região dos povoadores Bueno da Fonseca.

Historicamente, a importância da Serra das Carrancas se encontra no fato de ter-se tornado um atalho, a princípio clandestino, do Caminho Velho. O jesuíta Antonil, na obra publicada em 1711, não cita o *sertão das carrancas*, muito embora, alguns historiadores registrem que em 1693, a bandeira de Salvador Fernandes Furtado atravessasse aquele sertão. O jesuíta, que nunca esteve nas Minas, descreveu o roteiro de 1711, baseado nas informações dos jesuítas que estavam acompanhando a comitiva do Gov. Artur Sá e Menezes às Minas.

O Caminho Velho – assim chamado porque se criou um novo, a partir de Parati no Rio de Janeiro – foi trilhado a “pé posto”, primeiro pelos ameríndios e, depois pelos mamelucos paulistas e brancos europeus, conhecidos como bandeirantes.

O atalho que passava pela Serra das Carrancas encurtou, em 14 léguas, a distância que se percorria do Rio de Janeiro, São Paulo às Minas. Usada desde 1716, esta variante do Caminho Velho a partir da *Povoação dos Buenos*, passava por Itumirim, Carrancas, Traituba até às roças de Manuel de Sá, onde se formou uma encruzilhada, São Sebastião da Encruzilhada, hoje a cidade de Cruzília.

... um desvio no traçado do Caminho de São Paulo para as minas, levava os viajantes a se deslocarem por um local denominado Encruzilhada (Cruzília) e não mais por Ibituruna. Esse atalho que passou a ser conhecido como “Caminho Real” estendia-se por Traituba e Carrancas, Rio Grande, Tijuco, Rio das Mortes Pequeno, aonde ia [...] alcançar o Porto Real da Passagem, no Rio das Mortes, entre as cidades de Tiradentes e São João del-Rei (COSTA, 2004.2005:87).

Em novembro de 1717, o Conde de Assumar, vindo para governar a Capitania de São Paulo e das Minas do Ouro, optou pegar o atalho por Carrancas:

No dia 9.11.1717, partiu sua Exa. para uma parage chamada das Carrancas, adonde também foi hospedado com magnificência e aqui chegou o Tenente General Felis de Azevedo a receber sua Exa. (Ms 382-8 da Academia das Ciências feita por Rollin de Macedo).

O atalho pela Serra das Carrancas era um descaminho do Caminho Velho, ou seja, não autorizado pela Coroa Portuguesa. O Conde de Assumar o preferiu, não só pela economia de dias de viagem, mas, possivelmente, para conhecer as fazendas que ali se encontravam. O roteiro dessa viagem foi registrado pelo escrivão Francisco Tavares de Brito:

*...e se vai a Caxambu. Aonde há um monte cuja fralda é lambida de todo o gênero de caça que ali vem gostar daquela terra, por ser aprazível, se bem que muito salitrada. **Maipendi, Pedro Paulo, Engay (roça Angai), Fravitua (Traituba), Carrancas, Rio Grande, Tojuca (Tijuco), Rio das Mortes Pequeno...** (F4-pág. 4 e 5 - Documento do Arquivo da Biblioteca Nacional).*

Esta é a descrição de Tavares de Brito, atualizada para os dias de hoje. Em Maipendi ou Ribeirão Baependi, hoje Ribeirão MontSerrat, se situava a Fazenda do Engenho de Tomé Rodrigues Nogueira do Ó. Na paragem de Pedro Paulo, ele e o filho Diogo Fernandes Moratos e tornaram *moradores no Caminho de Itaquí*, que fizeram no Caminho Velho, cuja carta de sesmaria (RAPM, SC 09:208) foi passada na Vila do Carmo, em 31.09.1716. Em Traituba morava o comerciante de gado, José Rodrigues Fonseca.

Em Carrancas, o Conde de Assumar *passou o Rio Grande em canoas para hospedar-se da outra parte em casa de um Paulista chamado João de Toledo, que o regalou com toda a magnificência; aqui sentiu sua Excia uma dor de dentes...* (Ms. 382-8 da Academia das Ciências, pesquisa de Rollin de Macedo).

João de Toledo Piza, em terras adquiridas de Manuel Garcia Velho, instalara-se na Fazenda do Rio Grande, no Porto do Saco que servia de escoamento de sua grande produção de grãos e outras mercadorias molhadas. Ali, os viandantes e moradores vizinhos se proviam das mercadorias da sua “Rocinha”, fazendo o “saco de mantimentos” daí o nome do porto e da capela, além de assistirem a ofícios religiosos na ermida que até hoje é conhecida como a Capela do Saco.

Segundo análise do documento de confirmação de terras para que foram vendidas a João de Toledo Piza e Castelhanos, Manuel Garcia Velho, nascido em 1644, estava com 55 anos quando encontrava-se morador no Sertão das Carrancas, sendo o seu primeiro possessor e minerador. Ele e seu irmão mais novo, Miguel Garcia Velho (com 45 anos, nascido em 1648), atravessaram a região,

em 1693, na bandeira de Salvador Fernandes Furtado, descobridora do ouro em Ribeirão do Carmo, hoje Mariana.

Quanto ao atalho clandestino de Carrancas, depois de 1730, a política de governo passou a escolher e identificar “homens bons” para constituírem sociedades com a finalidade de transformar os descaminhos em estradas transitáveis, com limpeza e pontes. Entre 1731 a 1732, o Alferes André Moreira foi enviado ao interior das Minas pelo Gov. Gomes Freire de Andrade, para reconhecimento dos descaminhos que partiam para Goiás, e, portanto do atalho da Serra das Carrancas.

*Situado, fiz logo duas canoas e rodei nelas rio abaixo(Rio Grande), dia e meio de viagem achando duma e outra parte do Rio várias rancharias que ao depois me constou tinham sido de duas tropas que saíram do rio das Mortes para Guyases, pela parte em que a **serra das Carrancas faz a primeira cabeça no Rio Grande** (In Notícias Práticas. TAUNAY, 1953:168)*

A expedição do Alferes André Moreira resultou, dentre outras iniciativas governamentais, resultou na oficialização do atalho da Serra das Carrancas. A ação coube aos próprios abridores do atalho, os Buenos da Fonseca, liderados por Manuel da Costa Gouveia, cabendo-lhes melhorar a estrada desde a povoação deles, a Rosário da Cachoeira. Tão logo, o atalho pela Serra das Carrancas se tornou estrada oficial, teve início a confirmação de sesmarias, cujos posseiros ali se encontravam há mais de trinta anos e, *esse atalho (...) passou a ser conhecido como “Caminho Real”* (COSTA, 2004.2005:87).

É interessante observar que a administração religiosa em Carrancas, se efetiva quando o descaminho da Serra das Carrancas para o Caminho Velho é oficializado, o que demonstra a sua importância. Para Andrade (2007), a instituição de capelas era uma forma de governabilidade portuguesa.

Segundo Rodrigues (2004) e Trindade (1927), com a vinda do Comissário da Sé de Lamego, nas funções investigativas da Inquisição nas Minas, D. Frei Antônio de Guadalupe, bispo do Rio de Janeiro, aproveitou-se da sua viagem investindo-o no cargo de Delegado para visitar as suas paróquias e dar posse a novos vigários. Confirmam essa visita o Cônego Raimundo Trindade e Monseñor Flávio quando citam que o Comissário de Lamego, Dr. Francisco Pinheiro da Fonseca visitou toda a Comarca do Rio das Mortes. Foram quando ocorreram mudanças importantes na Freguesia de Carrancas. No dia 18.06.1737, a ermida do Rosário da Cachoeira passou a ser Capela de Nossa Senhora do Rosário e a do “Saco do Rio Grande” passou a ser a Capela de Nossa Senhora da Conceição do Rio Grande. Com estas duas ermidas erigidas em capelas filiais, a Capela de Carrancas se tornou matriz (MOURÃO, 2008, p. 48).

Com a oficialização do atalho da Serra das Carrancas, facilitava-se a captação do imposto do ouro, do gado, do tabaco. A concessão de sesmaria exigia que o sesmeiro se responsabilizasse pela limpeza das estradas e melhorias das pontes, proporcionando o surgimento de um comércio com a troca das mercadorias, entre os produtos do Reino e os da terra, isto é, das roças de milho, feijão, mandioca e abóbora, que passaram a ser cultivados com entusiasmo. Em carta ao rei Dom João VI, governador e capitão Antônio Silva Caldeira Pimentel, da Capitania de São Paulo, com relação àquelas sesmarias requeridas ao longo do caminho que ia para às Minas, recomendava que as doações fossem do mesmo tamanho, *para que fossem mais povoadas de moradores e abundantes de mantimentos assim, para a comodidade dos viajantes* (Arquivo Histórico Português, cx 02:07).

Depois do primeiro quartel do século XVIII, os moradores nas Minas já “faziam o saco”, ou seja, se abasteciam comprando mantimentos produzidos na própria capitania, como também se tornaram fornecedores. A Comarca de Vila Rica contava com 423 armazéns e lojas, e um número expressivo de comerciantes. Roceiros e lavradores das áreas próximas aos núcleos mineradores e também dos Sertões da Comarca do Rio das Mortes, onde se situava Carrancas, “eram estimulados a negociar diretamente na produção para que não se repetisse a crise no fornecimento do milho, farinha, feijão e toucinho”, que ocorreu nos anos de 1722 e 172 (ROMEIRO, 2013,12-13).

E a Freguesia de Lavras e Carrancas, devido o favorecimento da localização, passou a abastecer o Rio de Janeiro, cuja demanda por produtos alimentares se fazia cada vez mais intensa, contribuindo para o engrossamento da malha viária no território mineiro.

A política governamental de Portugal tinha conhecimento de que os caminhos não garantiam a circulação de pessoas e de mercadorias para desenvolver a Colônia. Para Guimarães (1987), era necessário que nestes caminhos *existissem locais capazes de fornecerem aos viajantes o abastecimento, o descanso, a troca de animais. Isto garantiria a subsistência do próprio ocupante de terras*. Através desta prestação de serviço, ocorreria o escoamento do excesso de sua produção caseira, isto é, o da fábrica da fazenda.

Portanto, paralelo à produção alimentar, surgiram os *paradouros de estalagem* que fizeram com que a hospedagem se tornasse uma característica, que se arraigou à formação de muitos povoados, vocação que hoje o Instituto Estrada Real busca reavivar, através do Projeto Estrada Real. Estes arraiais ofereciam pouso e alimentação aos viajantes e por isso, muitos deles cresceram, a par da existência ou não, do minério do ouro. As “fábricas” como empresas domésticas nas fazendas, atividades que incorporavam o fornecimento dos gêneros alimentícios, como a produção de doces, das quitandas, do leite, do queijo e dos embuti-

dos da carne suína, tinham os viandantes, clientela certa, apesar ou não da mineração.

A Serra de Carrancas também passaria para a história através de Diogo Soares que veio a Minas com a comitiva do comissário do Santo Ofício da Sé de Lamego. O jesuíta, matemático e cartógrafo, tinha como missão, por ordem de D. João V, a coleta de informações sobre as descobertas dos bandeirantes para fazer mapas da Colônia do Império do Brasil. Ele documenta em suas *Notícias Práticas* as narrativas do Alferes André Moreira sobre a Serra das Carrancas, bem perto do Sítio do Sumidouro ou do Funil, formado pelo estreitamento da serra, dando origem a uma queda d'água, hoje desaparecida com o represamento das águas do Rio Grande na Hidrelétrica do Funil.

A Serra de Carrancas é também referência histórica a respeito da passagem de importantes viajantes, como os naturalistas estrangeiros a partir do século XIX.

Saint- Hillaire (1975), na sua viagem de volta das Minas Gerais, quando deixou a Fazenda da Cachoeirinha, núcleo de origem da cidade de Itumirim, registrou que a Serra de Carrancas funcionava como um marco de orientação para os viandantes: *...tinha sempre à frente a Serra das Carrancas, cujo cume visto de longe, parece um tabuleiro e cujos flancos oferecem poucas desigualdades.*

Hodiernamente, a Serra de Carrancas continua manifestando sua importância. Estendendo-se geograficamente desde a cidade Carrancas à de Luminárias, encontra-se numa das áreas apontadas como prioritárias sob o ponto de vista de estratégias conservacionistas pela Fundação Biodiversitas. Imagens de satélite com resolução espacial de 270 x 270m e o mapa digitalizado do Mapeamento e Inventário da Flora Nativa e dos Reflorestamentos de Minas Gerais mostraram a presença de vegetação nativa e as áreas de maior vulnerabilidade natural na microrregião onde se localiza o complexo da Serra de Carrancas/ Luminárias, indicadas como importantes à conservação pela Fundação Biodiversitas, cuja proposta teria área total de 196.328 ha, distribuídas em 20 municípios. Mas, as maiores concentrações de vegetação nativa estão localizadas na Serra de Carrancas que passa pelos municípios de Itumirim, Itutinga, Carrancas, Luminárias, São Tomé das Letras e Conceição do Rio Verde. Além da flora projeto considera também a prioridade na conservação de aves, mamíferos, répteis, anfíbios e invertebrados da Serra de Carrancas (UFLA, 2005).

Diante da possibilidade da implantação de um Parque Estadual pela Fundação Biodiversitas, com a criação de unidades de conservação na microrregião da Serra de Carrancas e Luminárias (ver link dcf/UFLA), torna-se mais premente uma movimentação da comunidade carranquense e cidades circundantes no sentido do tombamento da Serra de Carrancas como Patrimônio Natural.

É necessária uma conscientização nas escolas da cidade onde se desenvolve a Educação Patrimonial, conforme previsto na grade curricular. Se ainda não existe, é importante a criação de um decreto municipal, tornando-a um BEM CULTURAL, como um Conjunto Paisagístico Cultural da Serra de Carrancas. Assim, se resguarda este bem de qualquer intervenção danosa, sempre cuidadosamente controlada por um Conselho Deliberativo. Outros decretos, como estaduais, se já não existem, protegerão a área como manancial dos rios que servem a região, bem como a implantação da APA, área de Proteção Ambiental, como sugere a Universidade de Lavras, no projeto da Biodiversitas. Somente assim, a população de hoje garantirá para as gerações futuras a conservação da história, do espaço geográfico, da beleza natural, livrando a Serra de Carrancas dos olhares de cobiça de grandes mineradoras que não pensam senão em ter seus lucros, sem pensar na degradação ambiental.

XX

Referências documentais:

-Arquivo Hist. Colonial de Lisboa Ms 382-8 da Academia das Ciências. Pesquisa de Rollin de Macedo.

-Documento do Arquivo da Biblioteca Nacional. - composto por Francisco Tavares de Brito. - Sevilha: Na oficina de Antônio da Silva, 1732. - 26 p: 14 cm 150. CDU 910.4(81 Ficha bibliográfica [806250]).

Projeto Resgate, Documentos Avulsos, Cd Rom 01, cópia extraída do Arquivo Histórico em Portugal, cx02:07.

Vocabulário Português e Latino. Raphael Bluteau. Lisboa. Oficina Pascoal da Silva. 1746.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Eduardo Francisco. **A conversão do sertão: Capelas e governamentalidade nas Minas Gerais**. Varia hist. vol. 23 n.º 37. Belo Horizonte Jan.June. 2007.

ANTONIL, ANDREONI, João Antônio - **Cultura e Opulência do Brasil**-Cia.Ed.Nacional -1967.

COSTA, Antônio Gilberto - **Cartografia do Território das Minas** -UFMG-BH-2004.2005.

DRUMOND, G.M.; MARTINS, C.S.; MACHADO, A.B.M.; SEBAIO F.A.; ANTONINI, Y.- **Biodiversidade em Minas Gerais: um atlas para sua conservação**. Fundação Biodiversitas. Belo Horizonte. 222p. 2005. In Estratégia para a conservação do complexo da Serra de Carrancas-MG- Proposição de unidades de Conservação utilizando Ferramentas SIG. Ludimilla Portela Zambaldi Lima; Júlio Neil Cassa Louzada. UFLA. Departamento de Ecologia; Lavras, MG.

GUIMARÃES, C.M e Reis, Liana M- **Agricultura e Caminhos de Minas, 1700-1750**- FAFICH-UFMG-1987.

J.A.S. in **Impressões de Viagem**-Jornal Ástrea, N.º 62 - Anos II, 28.03.1897.

MIRANDA, Sá de - **Os Estrangeiros, Prólogo em Obras Completas**, IZ, pág. 122-edição1937) in MACHADO, 1967: 555.

MOURÃO, Maria da Graça Menezes. **Carrancas, uma Capela no Caminho Real**. Ed. Scorteci, São Paulo. 2009.

RODRIGUES, Mons. Flávio Carneiro- **Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana**. N.º1- Ed. D. Viçoso. 2004.

ROMEIRO, Adriana- **Dicionário Histórico de Minas Gerais**- BH Autêntica, 2003.

TRINDADE, Cônego Raimundo- **Arquidiocese de Mariana**. Vol. I .SpLyceu C. de Jesus, 1928.

SAINT-HILAIRE, August- **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**- V.4- BH-Itatiaia-1975:46-49).

TAUNAY, Afonso de Escagnolle -**Notícias práticas das minas do Cuiabá e Goiáses. Diário da navegação**. Edições Melhoramentos, 1953.

LINKS:

<http://www.dcf.ufla.br/cerne/administracao/publicacoes/m550v17n2o2.pdf>

<https://www.google.com.br/search?q=Mapa+de+toda+a+Extens\u00e3o+da+Campanha+da+Princesa&tbm=isch&imgil=yJwkYuDhhvaL6M%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fencrypted-tbn0.gstatic.com%252Fi>